

# icon

**Uma Ópera do Séc. XXI**

**De Atelier Bildraum,  
Frederik Neyrinck e Sabryna Pierre**

 GULBENKIAN  
MÚSICA

**12 + 13 abr 2019**

# Ópera do Séc. XXI

**12 ABRIL  
SEXTA**

21:00 — Grande Auditório

**13 ABRIL  
SÁBADO**

21:00 — Grande Auditório

## icon

Uma Ópera do Século XXI,  
de Atelier Bildraum, Frederik Neyrinck e Sabryna Pierre

**Frederik Neyrinck** Música

**Sabryna Pierre** Libreto

**Atelier Bildraum (Charlotte Bouckaert / Steve Salembier)** Encenação e Cenografia

**Bart Capelle** Dramaturgia

**Joey Marijs** Maestro

**Lieselot De Wilde** Soprano e Performer (icon)

**Tibo Vandendorre** Performer (Mr. Death)

### Asko|Schönberg

**David Kweksilber** Clarinete **Koen Kaptijn** Trombone **Marijke van Kooten** Violino

**David Bordeleau** Violoncelo **Quirijn van Regteren Altena** Contrabaixo

**Eric Soyer** Luz

**Lieve Pynoo** Figurinos

**Pino Etz / Roel Snellebrand / Wim Piqueur / Diederik Suykens** Técnicos

**Kristel Deweerdt** Produção

**Bárbara Magalhães** Assistente de Guarda-Roupa

PRODUÇÃO LOD *muziektheater*

COPRODUÇÃO Fundação Calouste Gulbenkian, Asko|Schönberg Amsterdam, Théâtres de la Ville de Luxembourg, kunstencentrum Vooruit Gent, Snape Maltings UK, kunstencentrum BUDA/NEXT festival international

COM O APOIO Programa Tax Shelter do Governo Federal da Bélgica, enoa e Creative Europe Programme of the European Union, Arcadi Île-de-France, académie TOTEM(s) de la Chartreuse de Villeneuve-lès-Avignon

Informamos que este espetáculo utiliza luz estroboscópica



*Uma conversa com*

## **Steve Salembier e Charlotte Bouckaert do Atelier Bildraum**

*A sua primeira criação em palco chamava-se Bildraum. Desde então, Charlotte Bouckaert e Steve Salembier têm trabalhado sob a designação Atelier Bildraum. O ponto de partida do Atelier Bildraum é o silencioso poder de associação das imagens. Em i c o n aventuram-se pelo ambiente operático, embora a sua abordagem seja indiscutivelmente idiossincrática.*

### **QUAL FOI O PONTO DE PARTIDA DE I C O N ?**

Foca-se nos mitos que se desenvolveram em torno da máscara mortuária do séc. XIX. Diz-se que uma jovem morreu afogada no rio Sena. Na morgue não se conseguiu identificar o seu corpo, mas os patologistas repararam que ela tinha um sorriso excepcionalmente misterioso no rosto. Um deles decidiu fazer-lhe uma máscara mortuária – talvez para permitir mais tarde uma identificação, ou simplesmente para preservar a sua imagem. Foi com este misterioso sorriso que começou o fascínio com a máscara mortuária. Seguramente que quando se está a morrer não se sorri. Há uma beatitude nesse sorriso, como se ela tivesse visto qualquer coisa no “outro lado” da vida. Isto será talvez uma interpretação excessivamente romântica da morte – que também é característica daquela época.

### **PORQUE CHAMAM MITO A ESTA HISTÓRIA?**

Nem há sequer a certeza de que seja uma máscara mortuária. Há a possibilidade de ter sido feita por um escultor que subsequentemente inventou uma história. Réplicas da máscara começaram gradualmente a aparecer nas casas de artistas, compositores e filósofos dos finais do séc. XIX. Ganhou uma espécie de estatuto cultural e tornou-se num objeto de reflexão sobre transiência, beleza e feminilidade. No princípio do séc. XX também surgiu na literatura, por exemplo na obra de Rainer Maria Rilke e Nabokov. Já agora, todos

estes artistas, filósofos e escritores são homens que penduravam na parede a máscara do rosto de uma mulher morta sem identidade e sem opinião, para refletirem sobre as grandes questões da vida. Há qualquer coisa de perverso nisso. Há também um certo número de mulheres que se entusiasmaram com ela, mas a posição das mulheres no séc. XIX era totalmente diferente da que é hoje. Um mito como este nunca se desenvolveria assim no mundo de hoje.

### **O QUE É QUE VOS FASCINA NESTA MÁSCARA?**

Acima de tudo, queremos abordar o mito a partir das raízes da nossa cultura visual. A invenção da fotografia no séc. XIX é, portanto, um ponto de partida chave. Uma fotografia também é uma réplica, um molde. Durante esse período o retrato fotográfico foi-se estabelecendo. A nossa relação com a imagem começou a assumir uma dimensão completamente diferente. Essencialmente, pode dizer-se que a fotografia é um meio que transforma o presente em passado. E hoje é o meio preeminente para comunicar a nossa identidade, em especial através das redes sociais. Com uma velocidade que está completamente embutida no nosso ritmo de vida. Para nós, a história da máscara mortuária é um ponto de partida para pensar a nossa cultura visual contemporânea, desde a época em que foram estabelecidas as fundações da modernidade. A máscara mortuária convida-nos a preencher o mistério com uma história.



Porque é que ela se afogou? Suicidou-se? Atirou-se ao Sena por causa de um amor não correspondido? A questão chave talvez sejam as diferentes projeções das pessoas nessa página em branco, que está despojada da sua própria identidade. Isto lembra o modo como hoje construímos os ídolos pop. Para o conseguir, precisas de mistério. A imprensa e os *paparazzi* tentam continuamente derrubar os ídolos dos seus pedestais desvendando o mistério. É um movimento constante entre o mistério e o estabelecimento de uma identidade. Construindo e destruindo. Há assim um poder escondido na falta de identidade da mulher e este poder tem qualquer coisa de emancipatório. A criação do mito é extremamente interessante se o incorporares numa espécie de banalidade em vez de num grande romantismo.

#### COMO É QUE PRETENDEM TRADUZIR PARA O PALCO ESTA BANALIDADE?

Através das dinâmicas da cultura pop e de artistas contemporâneos que lhe fazem referência, tais como Cindy Sherman, Diane Arbus e Nobuyoshi Araki, mas Andy Warhol foi a mais direta inspiração para *icon*. Em *The Factory*, os mitos e os ídolos pop eram criados uns atrás dos outros. Era não apenas um atelier de artista, mas também uma espécie de espaço de eventos. Apareciam não só artistas, mas também travestis, prostitutas e outros marginais e rapidamente eram transformados em estrelas: as *Warhol Super Stars*. Warhol juntou também os Velvet Underground com a cantora Nico para o seu primeiro álbum. De repente temos um lugar onde essa espécie de criação de identidade ocorre abertamente. *The Factory* é também uma inspiração em termos de conceção do espaço cénico: paredes cobertas em papel de alumínio, o que cria uma espécie de espelho difuso, de obras acabadas e inacabadas que não estão expostas, mas apenas guardadas num canto qualquer. Em todo o caso, temos uma predileção pelo processo, por criar no palco uma

ambiência de oficina. Temos muita dificuldade em imaginar um recinto com um palco e plateia sentada para este espetáculo.

#### COMO DECORREU ESSA COLABORAÇÃO COM A LIBRETISTA FRANCESA SABRYNA PIERRE?

Em concordância com Sabryna Pierre, mudámos o foco para o que acontece depois da morte da mulher: a emancipação que começa quando ela se torna a *Inconnue (icon)* e com a atração que exerce sobre outras pessoas, que projetam os seus próprios desejos e imperfeições nela. Em consequência, a máscara mortuária torna-se mais ativa do que passiva. Sabryna escreveu duas personagens que são interpretadas pela soprano Lieselot De Wilde e pelo performer Tibo Vandenborre. Lieselot desempenha o papel de *Inconnue*, enquanto a sua contraparte é a personificação contemporânea da morte. Traçamos aqui um paralelismo com a fotografia: a morte desempenhando o papel do fotógrafo, aquele que transforma o presente em passado e cria uma estase. Desde que começamos a fazer criações em palco temo-nos concentrado na linguagem visual. As palavras aqui não são uma prioridade. O poder silencioso e de associação das imagens diz-nos mais. A diferença da ópera clássica é vermos o libreto mais como um complemento do que como um guião para a performance.

#### ISSO EXIGE UM MODO DIFERENTE DE TRABALHAR COM OS ARTISTAS?

Não é o libreto que constitui a base para a ação entre os artistas, mas os atos paralelos de fotografar e ser fotografado. Tirar fotografias é uma questão de controlo e abdicar dele. Há um equilíbrio de poder nas relações entre o fotógrafo e o modelo. Pode parecer linear, já que o fotógrafo determina o enquadramento, o olhar e o momento. Mas está subjacente a isto uma contradinâmica mais subtil na qual o modelo determina o que revela de si mesmo.





O aparecimento das “selfies” potencia esta emancipação: modelo e fotógrafo tornam-se um. Mas se se radicalizar este ato acontece uma outra coisa. Um modelo que continua a tirar “selfies” durante algum tempo para de posar e pensar. Isto dá lugar a uma agradável abertura, uma coisa quase íntima. Torna-se numa espécie de autorreflexão, um exame de quem se é. E nós também mergulhámos completamente na atmosfera da *Factory*. Uma pessoa tão icónica como a modelo, atriz e cantora Nico é sem dúvida uma fonte de inspiração.

REFERIRAM NICO E OS VELVET UNDERGROUND. ESSA INFLUÊNCIA É PERCETÍVEL NA MÚSICA?

Frederik Neyrinck compôs música para a performance baseada no libreto. A música é extremamente bela, quase expressionista, e em harmonia com o tom dramático da história da *Inconnue*. Mas de modo a estimular a imaginação do público numa atmosfera mais normal, quisemos procurar, aqui e ali, qualquer coisa menos eletrizante na música. Por exemplo, Frederik escreveu uma composição serial que tem cerca de quinze minutos e que começa com uma só nota. Fornecemos-lhe também o material que usámos durante o trabalho

de atelier com os modelos. Êxitos pop como *Femme Fatale* e *Venus in Furs*, dos Velvet Underground, a versão de Patti Smith de *When doves cry*, a versão de Nico do *The End* de Jim Morrison. Talvez não para usar literalmente, mas para acrescentar uma cor contrastante ao romantismo da história.

QUE QUEREM DIZER EXATAMENTE COM ROMANTICISMO?

O séc. XIX e o mito da *Inconnue de la Seine* debatem-se com grandes questões sobre vida, ciência e transiência. Emana disso uma espécie de nostalgia, um sonhar acordado sobre um passado que já não existe. A tradição cultural em torno da *Inconnue* tem também qualquer coisa de simbólico, qualquer coisa quase mística, como uma pintura de Knopf ou Klimt. Gostaríamos de colocar um pensamento contemporâneo em paralelo. Uma abordagem contemporânea ao *horror vacuum*. Se não há nada depois da morte, então como se lida com o vazio? Que espaço se pode deixar para uma página em banco, uma não-identidade?

ENTREVISTA DE Bart Capelle  
TRADUÇÃO Linguagemundi

## Frederik Neyrinck

O compositor e pianista belga Frederik Neyrinck estudou em Bruxelas, Estugarda e Graz, com Piet Kuijken (piano), Jan Van Landeghem, Marco Stroppa e Clemens Gadenstätter (composição). Frequentou também cursos e *masterclasses* de composição: Acanthes (Metz), *enoa* (Lisboa, Aix-en-Provence), Aldeburgh, Gent, Luxemburgo), Ferienkurse für Neue Musik (Darmstadt), Impus (Graz), Opera Days Rotterdam, Totems (Avignon). Trabalhou com agrupamentos musicais como AskolSchönberg, Bozzini Quartet, Filarmónica de Bruxelas, Ensemble Kontrapunkte, Ensemble L’Itinéraire, Ensemble Reconsil, Sinfónica da Flandres, Orquestra Gulbenkian, Klangforum Wien, Nadar Ensemble, Orquestra Nacional da Bélgica, Neue Vocalsolisten, Noise-Bridge, Odysee Ensemble, Oxalys Ensemble, Schallfeld Ensemble e Spectra Ensemble, entre outros. As suas obras foram apresentadas em muitos festivais e centros culturais, incluindo ARS Musica Brussels, BOZAR Brussels, D’Apostrof Meigem, De Link Tiburg, Festival Manca Nice, Gaida Festival Vilnius, deSingel Antwerp, Konzerthaus Wien, Musikverein Graz, Musikverein Wien, Novalis Festival Zagreb, November Music Den Bosch, Staatstheater Oldenburg, Wien Modern, World Music Days ISCM (Bélgica, Wrocław, Vancouver). Em 2017-2018, Frederik Neyrinck esteve em residência no Concertgebouw de Bruges, tendo então desenvolvido, entre outros, o projeto *Take Out Obrecht*, um itinerário de concertos através do centro histórico da cidade. Em novembro de 2017, *Der Bär der nicht da war* (teatro musical para crianças) foi estrada no Staatstheater de Oldenburg. Em abril de 2018, a obra *Zolang hij niet zichzelf kent* foi estrada no Concertgebouw de Bruges. Em colaboração com o LOD *muziektheater*, em novembro do mesmo ano teve lugar a estreia de *ic on*, no Next Festival, em Kortrijk.

## Sabryna Pierre

Sabryna Pierre estudou literatura e artes, tendo-se diplomado pela Escola Nacional Francesa de Teatro (ENSATT) como argumentista. A sua peça *STE* foi finalista do *Grand Prix de Littérature Dramatique 2011*. Em 2012, a encenadora Catherine Hargreaves encomendou-lhe uma nova tradução de *Rime of the Ancient Mariner*, de S.T. Coleridge, para o Théâtre de la Croix Rousse. Sabryna Pierre recebeu prémios do Centre National du Théâtre (2010), do Centre National du Livre (2011 e 2016) e foi convidada para o festival *Dramaturgies en Dialogue* (Montreal, 2012) e para a *Chartreuse Residency* (Villeneuve-lès-Avignon, 2015 e 2016). Participou em vários *workshops enoa*: “Opera Creation” (Aix-en-Provence, 2015), “Looking Forward Looking back” (Gent, 2015; Bruxelas, 2016) e “Dramaturgy and libretto” (Amesterdão, 2016). Sabryna Pierre é representada pelas Editions Théâtrales. Até agora foram publicados os seus seguintes textos: *Unity Walkyrie* e *STE* (2010); *Sara* (2012); *Ballerines* em *Si j’étais Grand 3* (2013); *Scandaleuse* em *De Bruit et de Fureur* (2013); *Personal Jesus* e *Swan Song* ou *la Jeune Fille, la Machine et la Mort* (2015); *Survivant* em *Nouvelles Mythologies de la Jeunesse* (2017).

## Atelier Bildraum

O Atelier Bildraum é o espaço partilhado dos artistas Charlotte Bouckaert e Steve Salembier. O estúdio trabalha na vanguarda das artes visuais e da performance. A imagem e a imaginação, o tempo e o espaço, constituem-se como temas principais. O seu trabalho foca-se sempre na formação da imagem, sendo a imaginação do observador aquela que invariavelmente lhe fornece o sentido. O Atelier Bildraum não se interessa tanto pelas imagens como tal, mas mais pelos processos através dos quais as imagens são

criadas: no contexto e no espaço em que as imagens aparecem e desaparecem. Assim, a obra foca-se em primeiro lugar na forma como as imagens são observadas, na observação e na experiência em si mesma. O nome do estúdio não é, por isso, uma coincidência: *Bildraum* é um termo da fotografia e refere-se ao interior de uma câmara *full frame*. É nesse espaço que a imagem nasce. O Atelier Bildraum é, na prática, um espaço imaginário, um universo pessoal no qual ambos os artistas colocam constantemente a imagem fotográfica e o espaço arquitetural noutros contextos. Charlotte Bouckaert estudou sociologia, fotografia e cenografia, em Gent e Bruxelas. Como artista individual, cria instalações e performances nas quais a realização de imagens fotográficas depende do tempo e do espaço em que a obra é exibida. Steve Salember estudou arquitetura no Instituto Henry van de Velde, em Antuérpia. Trabalhou com os arquitetos Stéphane Beel e Lieven Achtergael. Em 2012 Charlotte e Steve conheceram-se, e em 2014 realizaram a sua primeira instalação numa coprodução Kunstenwerkplaats Pianofabriek e Beursschouwburg de Bruxelas. *Bildraum* ganhou o *Big Beligum Award* no Theater aan Zee (2015) e o *Total Theatre Award*, no Fringe Festival, em Edimburgo (2016). Desde 2015, o Atelier Bildraum trabalha em residência no LOD *muziektheater*, em Gent, tendo realizado as produções *In between violet & green*, *reflector* e *i c o n*.

## Asko|Schönberg

Com superior qualidade e motivação, os músicos do Asko|Schönberg interpretam uma grande variedade de obras dos séculos XX e XXI, tanto em concertos tradicionais como em produções interdisciplinares. O Asko|Schönberg ocupa um lugar de destaque nas artes, conquistado através da versatilidade, do vanguardismo e da versatilidade.

A colaboração entre músicos e compositores é um elemento chave do seu trabalho. Exploram os formatos musicais e teatrais, através de um processo dinâmico de trabalho que resulta em excitantes descobertas, novas perspetivas e métodos inovadores de apresentação. Embora respeitando a sua herança do século XX, o agrupamento vai criando, passo a passo, o repertório do futuro. Os seus músicos são especializados na interpretação da nova música, graças também à sua intensiva colaboração com os compositores. Não estando confinado à música dos mestres inovadores do século XX, incluindo nomes como Andriessen, Gubaidulina, Kurtág ou Ligeti, o Asko|Schönberg oferece oportunidades aos jovens músicos de grande talento, encomendando e estreando novas obras todos os anos. O projeto *K[h]AOS* desafia os jovens músicos e compositores a explorarem, desenvolverem e apresentarem as suas ideias, contando com o apoio do conhecimento e da rede do Asko|Schönberg. Há ligações colaborativas estabelecidas com companhias de teatro, grupos de teatro musical e casas de ópera. Os projetos interdisciplinares são também um importante elemento da programação do grupo. Anualmente, uma produção multifacetada, coproduzida com o Noord Nederlands Toneel e o Club Guy & Roni, realiza digressões na Holanda. O Asko|Schönberg apresenta-se num seleto número de salas de concertos a nível internacional, sendo um convidado regular de importantes festivais em Colónia, Zagreb, Paris, Londres, Melbourne ou Nova Iorque, entre muitas outras cidades. O Asko|Schönberg é um agrupamento residente no Musiekgebouw aan 't IJ, em Amesterdão. É apoiado pelo Performing Arts Fund e pelo Município de Amesterdão. Colaborou com o LOD *muziektheater* nas produções *House of the sleeping beauties* (2008), *The House Taken Over* (2013) e *Bosch Beach* (2016).

## enao

A rede *enao*, da qual são membros Théâtres de la Ville de Luxembourg, Fundação Calouste Gulbenkian, Snape Maltings e LOD *muziektheater*, nasceu da vontade de várias instituições do mundo da ópera, no sentido de colaborarem de forma mais estreita no apoio à integração profissional dos jovens artistas, ajudando-os no lançamento das suas carreiras e a alcançar as suas ambições artísticas. Com o apoio do Programa Europa Criativa da União Europeia, a rede *enao* tem trabalhado no sentido de patrocinar o aperfeiçoamento desses artistas, ao mesmo tempo que encoraja o desenvolvimento e disseminação de novas criações operáticas. A primeira ópera de Frederik Neyrinck e Sabryna Pierre, *i c o n*, é apoiada pela *enao* e foi desenvolvida no âmbito do *Young Opera Makers Programme*.

## LOD muziektheater

Com sede em Gent, LOD *muziektheater* é uma companhia de produção e uma base criativa de ópera e teatro. Traça trajetórias de longo prazo com compositores e encenadores e mantém-se aberta a todos os que se cruzam com o seu percurso artístico, posicionando-se como uma plataforma para esses artistas e proporcionando-lhes os recursos para o desenvolvimento das suas ideias. Há mais de 25 anos que apoia criações e produções que, não raras vezes, estabelecem padrões para a ópera e para o teatro musical contemporâneos: *The Woman who Walked into Doors* e *House of the Sleeping Beauties* (Kris Defoort, Guy Cassiers), *The Heroes* (Josse de Pauw e Dominique Pauwels), *Mankind* (Josse de Pauw, Arnon Grunberg, Kris Defoort e Claron McFadden), *Without Bllod* (Inne Goris e Dominique Pauwels), *Ghost Road* (Dominique Pauwels e Fabrice Murgia), *An Old Monk* (Josse de Pauw e Kris Defort) são apenas algumas das

produções que exprimem este ponto de vista. Os resultados destas parcerias artísticas não são fáceis de categorizar e criam impressões duradouras. LOD foca-se resolutamente no que está para vir, nomeadamente através do compromisso com os jovens talentos. Trabalha no futuro do teatro musical através da Rede Europeia de Academias de Ópera (*enao*) que viabiliza *workshops* de grande qualidade para jovens artistas e oportunidades para parcerias duradoras entre instituições do mundo da ópera a nível internacional. Tudo começou em Gent, há muito tempo, com *Lunch Op Donderdag* (“Almoço na Quinta-Feira”). Com uma paixão pelo teatro musical, a colaboração internacional tem sido uma das fundações deste trabalho desde o seu início. LOD *muziektheater*, uma companhia internacional de produção e lugar de criação – uma visão do mundo. Nascida em Gent.

IMAGENS DE © KURT VAN DER ELST

---

TIRAGEM  
300 exemplares

Lisboa, Abril 2019